

Título

Um passeio pelo inferno

Autora

Luísa Marques da Silva

Todos os direitos reservados ©2015 Luísa Marques da Silva

Capa

(darling, repara, não há capa)

2ª edição

Lisboa, Setembro de 2015

WNFE

<http://wnfe.my-free.website>

*Esta edição pode e deve ser distribuída por todas as alminhas que a
quiserem ler.*

Comentários, em especial os porreiros, podem ser enviados para

wnfe@sapo.pt

Imaginem uma planície cujos limites se perdem.

Imaginem areia. Areia e mais areia. Quilos e quilómetros de areia grossa e quente. Um areal imenso que o reino vegetal desistiu de conquistar, tendo apenas deixado para trás uns ridículos arbustos, secos e tímidos, que definham aqui e além.

Imaginem um sol de meio dia, escaldante, que faz doer os olhos.

Imaginem uma mulher, a Liseta. Profissão? Secretária. Saia rosa, blusa branca, sapatos azuis, saltos altos, cabelo pintado – pontas louras, raízes escuras, curto – olhos castanhos, pestanudos. Bonitinha.

Liseta está no meio da planície. Está cansada. Tem muito calor e muita sede. Manchas de suor desfeiam-lhe a camisa branca, que se cola ao corpo. O cabelo está num desalinho. Os olhos estão borrados: já chorou; não percebe como é que ali foi parar, só sabe que tem de continuar.

Tira os sapatos, e inicia a caminhada, sentindo a areia a queimar-lhe os pés. Não se importa. De qualquer maneira já não aguentava os saltos.

Caminha uma boa meia hora naquele deserto inóspito e escaldante, quando ao fundo vê uma nuvem amarela. "Borboletas", pensa Liseta estacando para observar o primeiro sinal de vida. A nuvem aproxima-se e revela-se um grupo de *post-its* amarelos colados dois a dois pela lapela aderente. *Post-its* voadores? Olha-os embasbacada.

As "borboletas" vão-se aproximando, mais e mais, mais perto... cada vez mais perto... e estão à volta dela. Esvoaçam em torno da Liseta. Batem as asas, quase graciosas, rodopiam... dançam para ela? Mas num segundo atacam-na: despedaçam-se contra o seu corpo, *Kamikazes* de papel que pouco mais fazem do que incomodar. Liseta repele-as, sacode-as, uma a uma. Mas são às centenas e a patética luta dura longos e infernais minutos: ao primeiro toque as irritantes borboletas colantes desprendem-se da sua

roupa, da sua pele, dos seus cabelos e caem ao chão. E morrem. E morrem.

E morrem. E... finalmente ... a última!

Liseta afasta-se, perturbada. Não percebe porque é que a atacaram...

Recomeça a marcha. E logo depois o barulho de passos, uma sombra que se desloca na aridez da planície. A sombra aproxima-se. Liseta não quer acreditar nos seus olhos: um exército de *molins* e *bics* saltita firmemente na sua direcção. Pára de novo. Está a dez metros dos milhares de canetas que assumem organizadamente formação, de acordo com as cores e o tipo de escrita. Destacam-se um afia e uma caneta de feltro preta. Esta última entra para dentro do primeiro, que a ejecta para cima da embasbacada Liseta, que não tem tempo de evitar que a caneta malandra lhe desenhe um bigode no rosto. Liseta repele-a, e, nesse instante dá-se conta de um movimento no seio do exército canetil: uma *bic cristal* avança aos saltinhos, e, ao seu sinal, quando lhe salta a tampa, todas as canetas soltam a tampa e libertam tinta sobre Liseta. A pobre secretária grita histericamente ao sentir-se imunda, coberta por uma pasta preta, verde, vermelha e azul, que lhe escorre no corpo, da ponta dos cabelos aos pés nus. Desata a correr desesperada. Corre, corre até não poder mais. Até que pisa algo de mole, e ouve um zumbido atrás: pisara um ninho de *clips* rastejantes, que não perdoam a violação de privacidade. Beliscam-na e beliscam-na. Beliscões pequeninos e maldosos nos pés e nas pernas. Enquanto ela corre, uns deixam de a perseguir, outros perdem a vida cravando-se na sua pele. Até que Liseta pára, esgotada. Arranca com cuidado os *clips* que se tinham pregado a ela. Tem feridas por todo o lado. Chora. Dói. Depois acalma-se. Tem de continuar. Não há ninguém para ajudar. Só depende de si. E apesar do desespero, ainda acredita na salvação. Coitada da Liseta. Não sabe que o pior ainda está para vir...

Ouve uma campainha nas suas costas. Volta-se. Um telefone. Um telefone monstruoso que se aproxima e que pára a uma centena de metros dela. Observam-se.

Ai! Ai que lhe quer mal. Liseta começa de novo a correr. Sabe que o telefone não é amigo. E não tem de esperar muito para ter a confirmação do seu medo: o telefone lança pelos ares o auscultador, cuja sombra cobre a de Liseta. O fio enrola-se no seu corpo e a rapariga cai pesadamente na areia quente. Apavorada, sente as cordas a esmagarem-lhe os ossos. Grita. Grita histericamente. E ao seu grito ocorre um furador carnívoro, satisfeito por já ter a presa imobilizada, que se prepara para lhe arrancar pequenas bolinhas de carne do corpo. Ao ataque do furador, Liseta contorce-se e o fio do telefone entra na boca voraz do furador carnívoro, que o trinca sem escrúpulos. Num estremecimento de dor, o telefone afrouxa o fio, o aperto relaxa e Liseta consegue libertar-se. Os dois monstros lutam agora entre si. Mas Liseta não assiste, não quer ver, não quer saber. Foge de novo, descontrolada. Na sua corrida louca, cruza-se com um agrafador covarde que a ataca. Dolorosos ovos-agrafo, parasitas, cortam-lhe a pele, em minúsculas feridas. Não sente, só quer fugir. Que a deixem...

Mas é tarde. Era esperada por um grupo de *punaises* que a vigiava havia uns minutos. Atacam-na em massa. Gozam com ela: os encarnados desenham-lhe a boca, os rosa as maçãs do rosto, os amarelos fazem-lhe um penteado, os azuis rasgam-lhe as pálpebras.

Liseta cai de joelhos, disposta a entregar-se. A desistir de lutar. Disposta a morrer.

Mas de repente, o silêncio. Os *punaises* que se vão. Que fogem. Também eles fogem. De quem fogem?

Com os olhos feridos, Liseta ainda se apercebe de um movimento à sua direita; é a sua última visão: uma borracha apaga-lhe a cabeça. Deixa de pensar, de sentir, de ser. Morre.

O cadáver decapitado cai por terra. A calma volta à planície. O sol prepara-se para desaparecer. Vai ser uma boa noite para os *dossiers*, que se vão poder banquetear com o succulento corpo de Liseta.